

Nova tropicália: uma desterritorialização da internet algorítmica¹

Mario ARRUDA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O presente estudo consiste em analisar a estrutura algorítmica de organização de dados operada por inteligência artificial dentro da internet e a partir dela encontrar uma de suas possíveis linhas de fuga: a nova tropicália, gênero musical que vem se constituindo agenciado pela web. Para isso, analisamos as bolhas algorítmicas em relação às suas codificações específicas através das teorias de Umberto Eco e evidenciamos, a partir das teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que os algoritmos de bancos de dados geram interações programadas, modulam subjetividades e criam territórios de significação.

Palavras-chave: algoritmo; internet; ritornelo; nova tropicália; comunicação.

Introdução

Organizar as nebulosas de dados produzidas pela interatividade da web 2.0 é o ato que tem estruturado as lógicas de distribuição e consumo de informação. A inteligência artificial capacitada pelos processadores contemporâneos é capaz de rastrear, calcular e fazer relações entre os dados a ponto de conseguir estabelecer uma organização quase instantânea dos conteúdos compartilhados na rede. Temos aqui uma ótima produção enciclopédica, mas esse processo de engavetamento lógico tem feito com que a cultura e os processos identitários estejam sendo modulados a partir de uma tecnologia que serve muito bem à lógica capitalista. A partir de uma perspectiva semiótica, veremos como se dá a relação dos algoritmos de dados, territórios com códigos específicos, e as semioses produtoras de subjetividades. Com base nisso, analisaremos a desterritorialização algorítmica causada pelos processos operados pela nova tropicália, gênero musical que vem se construindo através da internet.

Os algoritmos de gerenciamento de dados são uma inteligência artificial capaz de produzir instruções que organizam tudo aquilo que é compartilhado na internet. Eles são uma espécie de arranjo de relações a partir do qual se indexa cada um dos objetos digitais compartilhados na rede. A máquina algorítmica é um processo vinculado a existência das redes de ligação entre os dados dentro da internet. Podemos com isso perceber que a

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Integra o Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). Bolsista CAPES. E-mail: marioarruds@gmail.com

inteligência artificial está entendendo os pontos de conexão e dando sentido aos dados analisados.

Tim Berners Lee propôs em 2001 o projeto da Web Semântica, um estágio da internet em que a interpretação dos dados não ficasse mais somente a cargo do indivíduo em frente ao computador, mas também dos processadores computacionais. Nesse projeto, Lee buscou propor um método capaz de “facilitar e melhorar a recuperação de informação relevante, já que a própria máquina, dotada de ferramentas inteligentes, funcionaria por associação e dedução automática para identificar (inferir) o conteúdo de um site” (PICKLER, 2007, p. 70). A operação do método se daria através da produção de “ontologias” (PICKLER, 2007, p.72), documentos que definiriam formalmente as relações entre os termos e conceitos dos objetos digitais.

A breve recuperação do projeto da Web Semântica nos permite visualizar que a inteligência artificial até aquele momento não tinha a pretensão de entender os sentidos das mensagens veiculadas na internet, mas tentava uma aproximação do seu significado procurando pelas relações estabelecidas em torno das mensagens. Trazendo para o estágio atual da internet, podemos perceber que a Web Semântica foi implementada: a organização algorítmica pode ser considerada a efetuação desse projeto que acabamos de descrever e já é uma realidade da internet há pelo menos dez anos.

No estágio atual, o processamento de dados chegou no nível de possibilitar que os futuros compartilhamentos tenham seu lugar algorítmico estabelecido quase instantaneamente. Com a existência de milhões de ontologias já produzidas, pôde-se por exemplo produzir tecnologias que conseguem estabelecer significados de imagens, as chamadas redes neurais³, ferramenta de rastreamento utilizada pelo Google. Seu mecanismo se dá por uma análise inicial em relação às qualidades “icônicas” (PEIRCE, 2012) dos objetos digitais, a partir das quais se é possível encontrar semelhanças com outros exemplares de tal conteúdo através das relações já estabelecidas com outros objetos presentes em seu banco de dados. Diante de um grau de semelhança satisfatório entre o objeto analisado e os objetos de seu banco de dados, as redes neurais são capazes de entender que há uma borboleta em uma fotografia, por exemplo, e assim entregar para os algoritmos uma informação mais precisa do conteúdo das relações estabelecidas em torno de uma imagem.

³ Redes neurais foram trabalhadas no artigo

Isso nos leva a entender que toda produção dos algoritmos de dados dentro da web só é possível pelas relações estabelecidas pelos usuários. A interação é fator crucial para a estruturação que estamos descrevendo. Entretanto, no atual estágio da web, não podemos afirmar que existe primado da interatividade sobre o rastreamento e a organização algorítmica. Hoje, esses acontecimentos se dão simultaneamente, operando modulações entre si. Mas é importante salientar que a ação humana é parte essencial tanto para o funcionamento quanto para a constituição da máquina algorítmica. Há nesse sentido uma recursividade entre estrutura e ação dentro da estrutura.

Isso se torna mais claro quando entendemos que para web: 1) somos e geramos documentos de análise quando navegamos e 2) o recebimento de informações ocorre sob condições de relevância devido a esses documentos.

Assim, os rastros digitais deixados pelas interações (cliques, visualizações, buscas, *logins*) são os objetos de análise que fazem e refazem o algoritmo, segundo Tarleton Gillespie (2013). A inteligência artificial torna possível não só rastrear e organizar conteúdos, mas também rastrear e organizar os interesses dos usuários, devido a probabilidades estatísticas. Os algoritmos então fazem uma espécie de avaliação de relevância do que possa interessar a cada pessoa, mostrando ou escondendo determinados conteúdos, antecipando interesses e com isso provocando a produção de “públicos calculáveis” (GILLESPIE, 2013), o que muito interessa às grandes empresas da web como Google, Facebook, Yahoo, Twitter, Instagram, etc, que podem com isso vender possibilidades de anúncios direcionados aos públicos potenciais para qualquer outra marca.

Bolha algorítmica, território de códigos específicos

Eli Pariser, em conferência ao TED⁴, nos mostra que a internet está gerando uma rede que nos mostra aquilo que ela acha que queremos ver – faz isso baseada nos algoritmos e suas análises de relevância. Isso tem construído filtros-bolhas que geram uma visibilidade seletiva de informações. Como nossos perfis pessoais ou mesmo os IP's⁵ de nossos computadores também são dados identificáveis, somos alocados em espaços juntamente com outras pessoas que tenham semelhanças com as relações que estabelecemos na rede. Diante disso, os algoritmos de relevância estão produzindo espaços em que só há

⁴ Disponível em: https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles?language=pt-br

⁵ Número de identificação que todo computador possui.

interação entre aqueles que se interessam pelos mesmos assuntos e tem os mesmos pontos de vista.

Podemos chamá-los de espaços por sua característica topológica, que é dada pelas “relações de vizinhança entre pontos e elementos” (PARENTE, 2013, p. 100). Ora, essa estruturação topológica se deu desde a criação da internet, mas o que estamos apontando aqui é que agora temos a proliferação de pequenos espaços com mecanismos de abertura e fechamento. Se em um início longínquo podíamos pensar em diversos espaços separados por falta de links, hoje a separação se dá em função da exuberância caótica deles. Os algoritmos estão barrando as ligações que não tem um significado assimilado em seu banco de dados. Fazem isso produzindo campos de visibilidade e invisibilidade, em um processo que muito nos remete ao que Foucault (2008) coloca como as consequências da organização histórica do conhecimento, que nesse ato estabelece as famílias dos enunciados que constituem aquilo que se pode ver ou falar.

Mais especificamente, podemos analisar as bolhas algorítmicas como a formação de um território com códigos específicos que são compartilhados e ritualizados por aqueles que compartilham desse espaço de sentido. Segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, “O território é primeiramente a distância crítica entre dois seres de mesma espécie: marcar suas distâncias” (2012, p. 134). Portanto, a bolha algorítmica opera modulações de aproximação e afastamento devido ao grau de semelhança das interações dos usuários. E essa modulação ocorre justamente pela amostragem de informação que compete a um determinado território e pela invisibilidade dos objetos que não fazem parte de tal território.

Com isso, o que acontece é a redundância de conteúdo. Eterno retorno do mesmo e, devido a isso, especialização em determinado assunto em detrimento do entendimento das diferenças. Apesar disso, é importante lembrar que somos amostras quase sempre em mais de um território dentro da rede. Nossa bolha algorítmica é constituída de territórios que são compartilhados por outras pessoas. Mesmo assim, há também a especialização do próprio algoritmo pessoal, que se estrutura tanto melhor quanto interagimos dentro da rede com os conteúdos que nos são mostrados.

A bolha algorítmica pode ser entendida como uma descodificação do meio cultural e social abrangente. “O território surge numa margem de liberdade do código, não indeterminada, mas determinada de outro modo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, 137), ou seja, há o desligamento de uma subjetividade coletiva para a ligação de uma subjetividade coletiva mais especializada, com códigos próprios e específicos. Isso acaba por produzir

pequenos nichos de interesse, alterando a dinâmica do discurso de massa tal qual era efetuada pela televisão e pelo rádio. No entanto, isso não significa que há menor influência no consumo de informação hoje, mas quer dizer que as empresas de redes sociais ou outras plataformas que possibilitam o compartilhamento de informação são os atuais *gatekeepers*. Pensando nisso, cai por terra o já utilizado discurso de imparcialidade dos algoritmos, segundo Gillespie (2013).

Se lembrarmos que a existência dos códigos é de ordem cultural (ECO, 2014), passamos a entender as bolhas algorítmicas como a produção de culturas cada vez mais específicas. A restrição de comunhão de sentido estabelecida pelos nichos de interesse pode ser também uma das responsáveis pela onda de intolerância que presenciamos em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. Se a circulação de conteúdos libertários e mesmo anárquicos ficou conhecida como característica da internet em determinado momento, hoje já podemos ver a territorialização de diversos movimentos conservadores e reacionários no país sendo organizados majoritariamente pela internet. Mas o que interesse nesse caso é que segundo Eco (2014), o código é o que possibilita o sentido de uma comunicação, e quando fechados em territórios de códigos específicos, passamos a traduzir o mundo a partir dos códigos que partilhamos. Logo, a impossibilidade do encontro de pontos em comum em questões macro ou micropolíticas atuais podem decorrer da grande diferença de sentidos atribuídos a qualquer conteúdo na web.

A internet é um espaço no qual se mostram muito efervescentes os processos de “extracodificação” (ECO, 2014, 124). Com a instauração da máquina algorítmica podemos identificar processos de hipocodificação, já que “porções macroscópicas de certos textos são provisoriamente admitidas como unidades pertinentes de um código em formação” (ECO, 2014, p. 123). Para tornar clara a relação, podemos entender da seguinte forma: como se ao ouvir diversas melodias, de compositores diferentes, pudéssemos encontrar uma semelhança tamanha que nos permitisse agrupá-las em torno de um gênero musical comum. A isso podemos relacionar a criação das ontologias projetadas por Tim Berners Lee, os documentos que possibilitariam a organização semântica da web.

Já com a existência dos algoritmos de dados estabelecidos, passa-se a possibilidade de existência dos algoritmos de relevância, ao quais podemos relacionar o processo de “hipercodificação” (ECO, 2014, p. 121), o tipo de atualização de códigos devido a práticas inovadoras que pouco a pouco geram aceitação social e geram novos códigos, sendo a

inovação analisada aqui a própria inserção do algoritmo de relevância. O que ocorre então é o caminho vetorizado dos códigos existentes a subcódigos mais analíticos.

Entendemos com isso, que a produção de territórios especializados dentro da internet faz parte de um processo maquínico que opera sobre os códigos culturais e sociais. Mas precisamos compreender que os usuários são parte desse maquinismo, sendo peça fundamental devido à interação com os aparelhos tecnológicos. Já não há nesse sentido uma separação bem delimitada entre ação humana e ação do aparelho. Ao interagir, construímos e reforçamos nossa bolha algorítmica ao mesmo tempo em que forjamos a nossa identidade off-line: nossas compras acontecem a partir dos anúncios nas redes sociais que nos chegam a partir de nosso percurso online; nossas pautas cotidianas são orientadas pela circulação de informações da qual somos também engrenagem. Entretanto, é possível pensar que uma vez que o algoritmo de relevância passe a funcionar, a organização algorítmica se torna o modelo de seu reforço e especialização. Segundo Eco (2014), quando um modelo é estabelecido, ele funciona com base em seus próprios códigos e não precisa necessariamente de uma base referencial correspondente ao conteúdo da função sógnica para continuar funcionando.

Para aprofundarmos melhor a questão da recursividade entre ação humana e produção da estrutura, traremos para o debate as teorias acerca do ritornelo, conceito trabalhado por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Interação programada, ritornelo existencial na internet

O ritornelo é um conceito que vem da música, sendo utilizado para marcar em uma partitura um trecho que deve ser repetido duas ou mais vezes. De forma geral, é considerado o refrão de uma música. Félix Guattari e Gilles Deleuze (2012) em um primeiro movimento o designam como o bloco de conteúdo da música. Em uma explicação mais simples, colocam que se a pintura opera através do rosto-paisagem, a música opera através do ritornelo. Sendo assim, o ritornelo é o motivo da música, o seu fundamento, o seu conceito fundante, que advém da existência de significados e códigos que orientam a vida. Podemos com isso pensar que o primeiro trabalho de um músico é identificar a existência de um ritornelo, o que só pode se dar através da observação da sociedade, suas lógicas e suas estruturas.

O ritornelo tem uma grande proximidade com a existência dos territórios de significância. Ele é “todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 139). O ritornelo então é o canto que provoca o agenciamento do território, é o que garante a consistência da ligação entre os diversos componentes que são atraídos.

Com essa introdução do conceito chegamos à possibilidade de dizer que Deleuze e Guattari trazem o conceito da música para fazer ver a possibilidade de produção de subjetividades das máquinas. Quando “certos segmentos discursivos da máquina se põe a jogar um jogo não mais apenas funcional ou significacional, mas assumem uma função existencializante de pura repetição intensiva” (GUATTARI, 2012, p. 64), podemos dizer que há função de ritornelo. O território existencial é então de onde emergem as condições que tornam possível uma alteridade subjetiva, seja ela individual ou coletiva. Para tornar claras nossas ideias, dizemos que nos constituímos a partir dos hábitos que repetimos na nossa vida cotidiana. O ritornelo é o canto de repetição dos motivos que nos constituem, que constituem os espaços em que vivemos.

Quando transpomos esses conceitos para a nossa análise dos algoritmos, percebemos que a repetição das relações é como o ritornelo da web. A lógica estrutural da internet algorítmica provoca, como viemos observando, uma interatividade programada, fazendo operar uma circularidade de conteúdos por dentro de cada bolha pessoal. No entanto, ela só se constitui pela atividade humana circunscrita pela máquina (retorna aqui a importância dos likes, compartilhamentos, buscas, visualizações). Estando essa atividade agenciada pelas possibilidades oferecidas pela organização algorítmica, entendemos que o que acontece é a interação entre conteúdos e pessoas pela programação dada pela interação anterior. Sendo assim, cada pessoa programa-se a si mesma a partir de suas interações e daí em diante opera repetições pela programação.

Identificar-se a partir da máquina, enxergar-se no aparelho: lembramos que as subjetividades também são criadas por tecnologias, ou seja,

a subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos “matemas do Inconsciente”, mas também nas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, linguísticas, que não podem ser qualificadas de humanas” (GUATTARI, 2012, p.20).

Da condição maquínica da internet algorítmica parte também o agenciamento dos corpos, sua aproximação e sua subjetivação. A bolha algorítmica é a expressão agenciada pela interação, que é programada desde que já esteja mapeada. Portanto, a expressão

subjéitiva das interações é seu próprio desenho, estruturada pelos movimentos agenciados pela bolha. Queremos com essa circularidade textual mostrar que a recursividade entre interação e organização algorítmica é o que há de regular na internet contemporânea. Mas mais do que isso, queremos mostrar como essa recursividade está produzindo e especializando subjetividades dentro e fora da internet, online e off-line.

Para delimitar melhor do que estamos tratando aqui, é preciso manter a precisão lembrando que “uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 32). Ela então não é individual, apesar de poder vir a se individuar. A subjetividade é uma posição a ser ocupada pelos corpos, que agirão de acordo com essa posição, a partir de seus códigos de conduta específicos.

Portanto, o ritornelo da internet é do tipo existencial e territorial: a interação produz ou evidencia subjetividades bem demarcadas. Entoar o ritornelo da interação programada é estar sujeito a transformar potência singular em subjetividades possíveis, e isso parece animador em um primeiro momento, já que seriam modelos de comportamento criados espontaneamente pelas próprias pessoas. Além disso, se transpormos essa lógica para as realidades de muitas minorias marginalizadas, elas podem com isso ter a possibilidade de produzir territórios nos quais pudessem enfim ocupar o lugar de protagonistas e não mais de coadjuvantes excluídos. No entanto, devemos levar em conta que a produção de subjetividades muito interessa à lógica mercadológica e de controle. Com isso queremos dizer que a conquista da possibilidade de produção de territórios onde as minorias possam se empoderar estão sujeitas a sua demarcação subjetiva pela organização algorítmica. Ou seja, uma organização algorítmica feita a partir das relações feitas em torno de termos como mulher, homossexual, negro e artista, por exemplo, se dá produzindo modelos de conduta e as representações envolvidas nas relações se tornam representações das essências de cada um desses termos. A questão da representatividade, segundo Guattari e Rolnik (1996), pode gerar a parada de um processo em movimento de diferenciação. Pode ocorrer a transformação dessas subjetividades em nichos a que se destinam produtos feitos a partir da representação produzida espontaneamente.

Ademais, o que é produzido pela subjetividade capitalística são “sistemas de conexão direta, entre, de um lado, as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 67). As subjetividades agenciadas pelo ritornelo da interação programada servem

muito bem a uma necessidade de identificação dos possíveis inimigos políticos de um estado ou instituição que visem expandir suas ideologias por meios menos explícitos do que a violência armada. Mais do que isso, é a partir da identificação e da assimilação das táticas e reivindicações de qualquer grupo que se pode estabelecer uma guerrilha semiótica capaz de dismantelar a força do grupo concorrente.

Nesses dois casos (a identificação de subjetividades capitalísticas e de subjetividades políticas a partir da organização algorítmica) podemos perceber mercados possíveis para as empresas detentoras de dados da internet, que podem vender informações para marcas ou mesmo instituições políticas. Em vista disso, se torna importante encontrar as possibilidades de se desterritorializar o ritornelo da interatividade programada. Queremos dizer com isso que, sendo a organização algorítmica a essencialidade da web contemporânea, se vê necessário que se encontre modos de produzir encontros improváveis dentro da internet, ou seja, aproximações territoriais improváveis.

Nova tropicália: uma arte maquínica capaz de desprogramar a interatividade algorítmica

Voltemos mais uma vez à música para evidenciar o ponto que trabalharemos a seguir. Que não existe música sem ritornelo, já discutimos, entretanto ainda não se falou o que faz a musicalidade ao ritornelo. “A música submete o ritornelo a esse tratamento muito especial da diagonal ou da transversal, ela o arranca da sua territorialidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.106). Ora, aqui temos a operação ativa e criadora da desterritorialização do ritornelo. A música faz do ritornelo um conteúdo desterritorializado. O ritmo é movimento de encontro entre duas ou mais velocidades territoriais, que conjugadas tem a capacidade de provocar deslocamentos de corpos.

Se até agora nesse artigo operamos uma análise formal da internet algorítmica, a partir de agora buscaremos provocar a proposição de uma linha de fuga de sua estruturalidade. Faremos isso com base no desenvolvimento teórico trabalhado e em uma breve análise das características do que vem sendo chamado de nova música brasileira, nova tropicália ou neu tropicália. Faremos isso com base na banda Metá Metá e no disco Tropix, da cantora Céu. A escolha por artistas da música não se dá necessariamente pela origem de alguns conceitos utilizados, mas por produzirem artes que aglutinam diferentes nichos de interesse, ou seja, músicas que tem capacidade de gerarem espaços na internet

que hibridizam bolhas algorítmicas. Operam então uma desterritorialização do ritornelo da interavidade programada através de recursos estéticos que aproximam não só musicalidades distintas, mas também visualidades e discursos.

Metá Metá, banda que faz o encontro da música africana com estruturas musicais dissonantes, aproximando-se do jazz fusion e da música noise, vertentes localizadas entre a música pop e a música experimental. Contendo em seu repertório a utilização do ioruba, língua nigero-congolesa do grupo Kwa, e de batuques brasileiros, a banda provoca estados de transe que contém em sua construção sonora elementos tecnológicos como pedais de *delay*, de *chorus* e de distorção ligados em guitarra e saxofone. Constroem sua identidade visual a partir das gravuras do guitarrista Kiko Dinucci, um trabalho pictórico transposto para digital que pode ser encontrado nas capas dos discos e ocupa o lugar dos vídeos que rodam o álbum no Youtube⁶.

Céu, cantora que já recebeu o rótulo de MPB e que canta com uma entonação vocal característica da bossa nova, lançou seu disco mais disruptivo ainda esse ano, intitulado Tropix. Com a inserção de batidas eletrônicas e temáticas retro-futuristas como o *Amor Pixelado*, Céu comentou em entrevista⁷ que contou com influências de Kraftwerk (banda alemã expoente do início da música eletrônica), Tame Impala (banda australiana que produz uma disco music com cogumelos) e Fellini (banda brasileira de pós-punk). Na produção de sua identidade visual, lançou-se através do clipe de Perfume do Invisível⁸, no qual há o encontro da estética tradicional *B&W* (preto e branco) com as técnicas contemporâneas de edição de vídeo de *datamosh* e *glitch*, oriundas de movimentos estéticos como o Vaporwave.

Nesses dois objetos de análise encontramos movimentos comuns: 1) pontos de partida que são já reconhecidos como pertencentes à constituição de uma brasilidade (a influência africana e a bossa nova) 2) a provocação de um processo que desloca a plástica musical para um outro espaço de relações através da inserção de tecnologias e plásticas contemporâneas (pedais de efeito sonoro e beats eletrônicos) e 3) composição da experiência pela adição da visualidade estática ou em movimento (digitalização de arte pictórica e *glitch*). Podemos então colocar que os ritornelos (os planos de conteúdos das músicas) sofrem um processo de desterritorialização, provocando diferenças em seu próprio

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pUmSm5Bq_Ao

⁷ Disponível em: <http://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2016/03/16/noticias-musica,178135/cantora-e-compositora-ceu-investe-em-timbres-mais-sinteticos-em-novo-d.shtml>

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RaN58mqMwMc>

significado. Nota-se também que são dois projetos musicais muito diferentes, mas que podem ser analisados conjuntamente por operarem deslocamentos semelhantes.

A questão que se coloca a partir disso é que os dois processos agrupam diversos territórios existenciais em um novo território. Esse novo território, que provisoriamente aqui estamos chamando de nova tropicália, tem a consistência de agrupar tendências africanas, bossa nova, música eletrônica, jazz fusion, pós-punk, Vaporwave, *glitch*, *datamosh*, gravuras, etc. Nesse território, não só se agrupam esses conceitos (verdadeiras máquinas de agenciamentos de enunciação) como também corpos que tenham eventualmente conexão com essas expressões.

Teoricamente vimos que em primeiro ato, um músico necessita de um ritornelo existencial para fazer música e assim transformá-lo. A criação musical é então a produção do “ritornelo cósmico de uma máquina de sons” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 178). Abertura do ritornelo territorial para devir outro. Ou melhor, a produção de uma máquina que se liga aos agenciamentos territoriais específicos e é capaz de os abrir para outros agenciamentos.

Pensamos acima o processo que se dá no sistema musical, mas queremos evidenciar que a produção de um ritornelo cósmico do tipo máquina de sons influencia nos agenciamentos de corpos mesmo na lógica algorítmica dentro da web. As relações já mapeadas em função do ioruba ou da bossa nova quando conectadas às relações estabelecidas em torno da plástica produzida por pedais de *delay* ou por *beats* eletrônicos geram a possibilidade das bolhas algorítmicas se aproximarem. Precisamos deixar claro aqui que a colagem que ocorre na música é de outro nível que a colagem de bolhas algorítmicas, mas que essas duas estão conectadas. Mais do que isso, a aproximação das bolhas algorítmicas só pode ser pensada através de produtos que sejam capazes de juntar os motivos de existência das bolhas algorítmicas.

Primeiramente, estamos falando de uma música que funcione como um espaço com códigos específicos capaz de aproximar componentes que outros códigos manteriam separados. “É a interface maquínica que opera a aglomeração ontológica de diferentes ritornelos existenciais” (GUATTARI, 2012, p. 77). Essa máquina seria capaz de fundar “singularidades” (GUATTARI, 1996, p. 74), pontos de ruptura em relação às estratificações dominantes. As singularidades são desterritorializações das identidades bem demarcadas pela acoplagem de outras tantas em sua estrutura. Portanto, os processos de desterritorialização e territorialização são inseparáveis.

Na nossa definição de território, pensamos ele como um espaço de significação que tem códigos específicos, no qual há a justaposição de diferentes territórios. Nesse sentido, percebemos que só há deslocamento territorial se existir um território ao qual se dirigir. O movimento produtor de diferença nos corpos só pode ocorrer então pela produção de novos territórios. Não queremos dizer com isso que só existam possibilidades bem definidas às quais se pode ocupar com a condição de se aceitar todas suas práticas e hábitos. Diferente disso, evidenciamos aqui que visualizar um território possível de se viver é visualizar um território diferente do território de chegada. Quando um corpo está dentro de um território, tanto o corpo se modifica quanto o território. A seguir veremos como se dá.

Umberto Eco (2014) encontra no modelo Q (um modelo semântico que se baseia numa massa de nós interligados que produzem as relações de sentido) a possibilidade de estudar processos que seriam conjurados a partir do encontro de diferentes códigos. O autor explicita a impossibilidade de configuração gráfica bidimensional dessa estrutura, que seria como

uma espécie de rede polidimensional, dotada de propriedades topológicas, onde os percursos se encurtam e se alongam e cada termo adquire proximidades com outros, através de atalhos e contatos imediatos, ao mesmo tempo continuando ligado a todos os outros segundo suas relações sempre mutáveis (ECO, 2014, p. 113).

Nesse modelo, cada signo se define por suas relações com diversos outros, o que nos remete muito ao que acontece nas obras que compõe a nova tropicália. Quando pensamos nas obras de Metá Metá e Céu, percebemos que os significados de suas obras se dão pela relação de signos que são utilizados na composição. E o interessante é que as relações estabelecidas na nova tropicália nem sempre tem um código prévio que sustente o sentido de sua conexão. Para tornar mais claro, pensemos o código como uma magnetização mutável que ordena “um sistema de atrações e repulsões” (ECO, 2014, p. 113) entre unidades culturais. Essa magnetização reduziria ou aumentaria as possibilidades de inter-relação. O código produz uma espécie de campo de atração em cada unidade cultural, que atrai ou repele outras unidades culturais, orientando o sentido de qualquer mensagem.

A análise da nova tropicália a partir do modelo Q e da teoria dos códigos de Umberto Eco (2014) nos permite evidenciar que as obras que conseguem formar um território ordenado pelo cruzamento de diversos códigos são capazes de produzir significados parciais e sempre mutáveis. A possibilidade de junção de componentes que se repelem em determinado código invariavelmente opera um problema de significação e “o significado não é inaceitável por ser incompreensível, mas por implicar, se aceito, a

reorganização de nossas regras de compreensibilidade” (ECO, 2014, p.54). Mas como a nova tropicália opera o encontro de diversos códigos simultaneamente, a colagem passa a ser aceitável dentro de seu território. A nova tropicália constitui dessa forma um s-código, um código mais específico que se caracteriza por uma gramática interna própria. Sendo assim, a nova tropicália tem uma potencialidade de transformação que se dá pela abertura de um prisma de possibilidades diversas de significação em relação aos signos que compõe suas obras. Portanto, o processo desencadeado pela desterritorialização dos ritornelos existenciais é a instauração de uma semiose ilimitada causada pelo encontro de diferentes códigos.

Pode-se dizer que a nova tropicália utiliza dos mecanismos antropofágicos que outrora foram utilizados pela Tropicália de Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Hélio Oiticica e Lygia Clark. No entanto, as estratificações já são outras e, mais do que isso, a materialidade pela qual se dá a interface é de outra ordem. Se lá, os meios de comunicação utilizados para o recebimento de influências e difusão das obras produzidas era a televisão e o rádio, agora a nova tropicália utiliza primordialmente a internet. Sendo assim, a aproximação dos territórios citados é tanto de ordem estética quanto comunicativa. Falamos isso, pois diante da organização algorítmica da internet, constituída por nichos de interesse, uma mensagem só pode se tornar inteligível para um grande número de pessoas se justapor em sua mensagem diversos códigos. Apesar disso, a mensagem não sai do emissor com a pretensão de produzir um sentido único nos diversos receptores, mas, pelo contrário, produzir sentidos diversos de acordo com os códigos de cada grupo envolvido.

Finalmente, podemos entender que a produção da nova tropicália opera uma desterritorialização do ritornelo da interação programada. Faz isso por colocar conteúdos exóticos na normalidade das bolhas. A interface maquínica que justapõe ritornelos existenciais na música faz com que sejam agenciadas diferentes subjetividades em uma nova bolha algorítmica. Entretanto, essa microbolha, vamos chamar assim, não acaba em si mesma e gera ressonâncias semióticas em diversas outras por provocar as inserções de conteúdo exótico em determinados territórios. É como se a plástica bossa nova fosse a isca para a inserção do *beat* eletrônico na bolha algorítmica da bossa nova, e vice-versa. Para tornar ainda mais claro o que estamos dizendo: a bossa nova é o dispositivo utilizado para tornar visível em sua bolha algorítmica o *beat* eletrônico.

Sendo assim, a nova tropicália está de acordo com um processo que admite diferentes circunstâncias de recepção e diferentes interpretações de diferentes destinatários. Entretanto, faz com que possa existir a possibilidade de encontro das diferenças. Essa possibilidade é a própria música que se traduz na microbolha da nova tropicália devido às relações que passam a ser estabelecidas pelos usuários das redes quando em contato com as músicas de Metá Metá e Céu, por exemplo.

O breve percurso que fizemos no artigo teve o intuito de evidenciar que os algoritmos de dados são construídos pelas relações que os usuários estabelecem nos seus percursos na internet. Em vista disso, os campos de visibilidade instaurados pelos algoritmos, que são as bolhas algorítmicas que tem códigos específicos em seu interior, só podem ser expandidos através de uma arte maquínica capaz de justapor mais de um algoritmo em sua estrutura. O que queremos deixar para próximas análises é a possibilidade de se pensar os algoritmos dentro da música. Lembramos que computadores são fundamentalmente como máquinas algorítmicas (GILLESPIE, 2013) e que são eles que estão alocando e distribuindo grande parte das manifestações culturais contemporâneas. Logo, nos parece que a arte também deva ser pensada em termos computacionais, afim de que sirva como um “paradigma de referência de novas práticas sociais e analíticas” (GUATTARI, 2012, p. 106).

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. **Media Technologies: Essays on communication, materiality, and society**. Cambridge, 2013. Disponível em: <http://governingalgorithms.org/wp-content/uploads/2013/05/1-paper-gillespie.pdf>

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica** - Cartografias do desejo. 1996

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

PARENTE, André. **Tramas de rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 2010.

PICKLER, Maria Elisa Valentim. Web Semântica: ontologias como ferramentas de representação do conhecimento. **Perspectivas em ciência da informação**. Minas Gerais, v.12 n.1, 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/issue/view/27>